



Suas Magestades e Altezas passam sem novidade em suas importantes saudes.

Os redactores, compositores, e distribuidores do Supplemento, apesar do delegado, conservam-se com vida e saude.

JOAQUIM JOSÉ FALCÃO

Ministro Secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda, com umas barbas pretas muito cumpridas.



Joaquim José Falcão foi caixeiro da casa de Vizeu & C.ª — tinha grandes suissas, porém não possuia as famosas barbas.

Com o andar do tempo appareceu Joaquim José Falcão, capitão do batalhão de atiradores de Manoel Thomaz da Fonseca; apresentou um grande bigode, porém nada de barbas.

Chegou D. Miguel a Portugal; emigrou Joaquim José Falcão sem real, e sem barbas.

Durante a emigração Joaquim José Falcão foi um caixeiro dos irmãos Lopes, ainda desbarbado.

Teve logar a expedição e Joaquim José Falcão deixou crescer as barbas.

Entrado o exercito liberal em Lisboa foi Joaquim José Falcão nomeado contador da marinha, e não se rapou.

Elevaram-no depois a ministro da marinha, e começaram as barbas a crescer escandalosamente.

Encaixou-se Joaquim José Falcão no ministerio da fazenda, e as barbas tornaram-se monstruosas!!

Hoje Joaquim José Falcão continúa com a pasta da fazenda; porém houve por bem rapar as barbas!

Joaquim José Falcão era pobre como Job! hoje está rico como um porco (perdoe S. Ex.ª a expressão): donde lhe veio tamanha riqueza?

Pessoas que acreditam em milagres asseveram ter vindo das barbas! Os menos credulos dizem que tudo vem de tranquiubernias, e as más linguas asseveram que tudo é fructo de ladrocinhas!!!!

Eis-aqui como estes ultimos raciocinam:

Não é com o miseravel ordenado de ministro d'estado que se compram quintas em Arrentella, palacios no campo de Santa Anna, que se tem carruagem e luxo escandaloso; ora os amigos de hoje não dão presentes de contos e contos de réis, o mais que mandam é a sua lampreia de ovos, e quando muito dois ou tres prezuntos de Lamego, tendo-o presenteado de pagar o frete ao gallego; ora com estes presentes não é que se mandam sommas enormes para Londres, segundo por ahí se rosna; ergo, dizem as taes más linguas: tem havido roubos, e roubos de tirar o pé do lodo!

Joaquim José Falcão tem contra si o ser dis-

cipulo da escola dos cabraes, e é isto o que faz acreditar a muitos o que por ahí corre.

Nós não damos peso a taes accusações, porque felizmente ainda acreditamos em milagres, por isso attribuímos que toda a riqueza do illustre financeiro lhe vem das barbas por serem milagrosas.

Depois que S. Ex.ª se acha no ministerio da fazenda (apesar de desbarbado) a sua fortuna parece ter augmentado muito: isso porém deve attribuir-se ao barbeiro que talvez não escanhoasse bem S. Ex.ª

Nós estamos certos que logo que S. Ex.ª seja escanhoado a valer, acabarão os milagres das barbas.

Londres. Sessão de 14 de Julho de 1847.



J. Bentinck. — Os Cabraes seguiram sempre um systema invariavel de roubo, vendiam tudo, os logares de juizés, os contractos, e todos os officios eram postos em almoe-da.

A administração Costa Cabral roubava e espoliava por todos os modos o pobre povo, para a si mesmo se enriquecer.

José Bernardo recebeu de um agiota duzentos contos de réis pelo contracto das obras publicas de Lisboa ao Porto!!

N. B. — Apezar de ser isto já comida refugada, de quando em quando não deixa de ter logar.

MANOEL JOSÉ MENDES LEITE, ANTONIO DUARTE NAZARETH, e os denunciantes cartistas puros Manoel Crispim, e José Maria de Carvalho.



duas hydras, Nazareth e Mendes Leite, foram ultimamente acariadas com os dois denunciantes cartistas puros, Manoel Crispim, e José Maria de Carvalho. A scena foi comica.

Juiz. — Sr. Manoel Crispim, tenha a bondade de dizer qual das pessoas presentes é o sr. Mendes

Leite?

O cartista puro denunciante Manoel Crispim, lança o olhar sobre os circumstantes e deita-se como um leão a um cidadão gordo, baixo e roliço, e tão parecido com uma hydra como nós com a pirroga. — Sr. juiz, aqui tem V. S.ª a formidavel hydra Mendes Leite!! O homem gordo e roliço accusado de hydra deu um soluço e ficou petrificado.

Juiz. — Sr. Manoel Crispim, está cego, não vê que esse sr. não é hydra?

Manoel Crispim. — Não se admire V. S.ª do meu engano, conheci-o em pequeno, não tive senão um ensaio, não pude estudar bem o papel!

Juiz. — Sr. José Maria de Carvalho, queira designar o sr. Nazareth.

O sr. Carvalho que tinha conspirado e ido a

reuniões com o sr. Nazareth filou-se a um sujeito alto e de barbas louras!

Juiz. — Sr. Carvalho, não vê que esse sr. não é a grande hydra Nazareth?

Carvalho. — Pois não sendo este, é de certo aquelle sr. que acolla está que tambem é grande; é um dos dois.

A vista do exposto, que dirá o Traste-immundo e o seu digno acolito Olympico! Não ensaiaram bem os comparaas! Isto não é burlesco, isto é infame, é digno de gaiatos, é manobra do mais puro cabralismo; um forçado das galés teria mais vergonha do que os taes quadrípedes!

O que he um Portuguez?



D. João VI, de saudosa memoria, quando lhe doia a perna esquerda, costumava dizer: « Que sei eu? » Ora, se o fallecido monarcha tinha este direito, provado está que nós temos o d'exclamar: « O que somos nós? »

Somos Portuguezes; e o que é ser Portuguez?

Portuguez é um vadio, que tem a vantagem de pagar decima de tudo — de ser preso quando isso agrada ao mão de ferro, tornando-se assim um contribuinte.

Em linguagem official o Portuguez é um amnistiado.

Em linguagem popular é uma victima dos ultimos acontecimentos, e tem jus a um beneficio nos touros.

Religiosamente fallando é uma ovelha; cabralistamente fallando é um carneiro; constitucionalmente fallando é um asno.

Para o Sargento dos batalhões é uma mina. Para o Chiado é um obelisco permanente.

O Portuguez considerado como ovelha é de uma mansidão evangelica; considerado como carneiro não consta que dê marrada; e finalmente considerado como asno aguenta toda a carga.

O Portuguez sustenta-se de cautellas da loteria, e de quinzenas, mas quinzenas de 120 dias d'idade pouco mais ou menos.

O Portuguez geralmente tem muito filho, que dedica ao serviço do estado — respeita as authoridades constituidas, deseja a liberdade da sua patria, porém foge d'um soldado da municipal de cavallaria; e debaixo d'este ponto de vista é um cidadão livre; por isso D. João VI dizia quando lhe doia a perna direita, que todo o Portuguez estava no seu direito fugindo.

BOATO.



orre como certo que de novo entra para o ministerio o grande ladrão (segundo a opinião dos nossos allia-dos) conde de tomar. Se assim for convidamos Russia da Fonte a preparar a fouce riosadoura.

PORTUGAL.

Portugal perseguido, mas nunca vencido.
(*Tinoco da Madre de Deus.*)



ESTE nosso Portugal é o paiz mais semiscarunho, que Deus deitou ao mundo; desde onde nasce o sol até onde tomba, não ha terra como a nossa. Abençoada ella seja!

Os cabraes passam hoje em toda a Europa por ladrões de marca de anzol. Ninguém lhes toca!

Fazem-se caçadas ao povo como se fosse porco montez; ferram com um fagote ás costas de toda a gente. — Ninguém abre o bico!!

As quinzezas toiraram-se invisíveis, apesar disto os empregados publicos mortos de lazeira, nem se atevem a pestanejar!! Onde se viu isto? Em que paiz se morre de fome com cara alegre?

Agairam-se Portuguezes, mettem-se no Limoeiro pelo dito de quatro denunciatices falsos, e ninguém espicha um dos taes espídes!

Apparece um D. Manoel de Portugal mandando gente para a costa d' Africa, dizendo ser um clima abençoado; e o povo não agaira b' este mono e não o manda gozar do tal beneficio clima!

Apresenta-se em altos lugares um padre bebido servindo de Mercurio; e não se encontra quem ferre com o tal ódre de uma janella abaixo!!

Rouba-se tudo e a todos, e o povo fica mudo e quêdo?

Accusam os parlamentos estrangeiros os dois Cabraes de terem roubado Portugal, e este não dá cabo dos taes ladrões!

Passa por essas ruas um homem com mil caras; e os Portuguezes riem-se!!

Fazem-se embrocadas á meia noite, e não se trata de dar uma lição aos auctores de tamanha pouca vergonha!

Apresenta-se ao povo cada anno um novo peñhor, e o povo roubado, facetado, e escarnejado, abra os cordões á bolsa e paga para se sustentar o tal peñhor.

Força é confessar que o povo Portuguez está dez furos abaixo do carneiro; ao menos este quando o espicaçam da mairrada.

Carta da prima ao denodado Kadetzky.



Valeroso austriaco.

PENAS soube da vos-a brilhante entrada em Milão, foi tal a minha alegria, que immediatamente quiz partir daqui no barco da carreira para vos ir dar um abraço; não o fiz porque meu marido não consentiu por causa dos caros peñhores; apesar de tudo, querendo dar-vos uma prova do quanto estou encantada com a vossa pessoa, resolvi mandar-vos dois topazios para botões de camisas, porem fazendo-me ainda meu maído a reflexão de que melhor seriam empregados em calçar o Rocio; mandei-os ao Euzebio Candido, que é muito vosso amigo.

Enviar-vos uma espada de honra, assentei que era asheira porque em Portugal estão muito se-vandijadas.

Lembrei-me de vos mandar um prato de lampreia de ovos das freiras da Esperança, ou um prato d'artós doce; observou-me porém o Lapa que chegaria azedo a Milão.

Finalmente depois de andar para cá e para lá, assentei que o melhor seria nomear-vos primo co-irmão do mão de ferro, o que tenho o gosto de vos participar.

Peço-vos, meu catita, que nem á mão de Deus Padre abandoneis a Lombardia; embora a França pára o conseguir se ligue com a Inglaterra. Ca eston eu, que não sou ninguém e caçoei completamente o esperatidão do Palmerston.

Dou-vos a minha palavra de honra, que se vos tiverdes rijo, vos nomeio duque de tomar. Vossa Prima.

P. S. — O Marcos tomou hontem uma pizorga em vossa honra, o Vianna do chá e o Recta muito se recomendam.

Participo-vos que ainda se não pagou a quinzena de Maio, nem esperanças!

PELLOURINHO

O Estandarte diz, que o governo vendera a um italiano uma comenda por um conto de réis. Não nos admira que o governo vendesse, mas sim que houvesse quem comprasse!

— Segundo a opinião de alguns estrangeiros de distincção, os maiores ladrões que tem Portugal são os dois cabraes!

Segundo a opinião dos mesmos estrangeiros a melhor vazilha de Portugal é o padre Marcos.

Editor responsavel — MANOEL DE JESUS COELHO.

LISBOA
NA OFFICINA DE MANOEL DE JESUS COELHO
Rua do Poço dos Negros n.º 54.
1848.



Todos são obrigados a pegar em armas

Lith. Francaza.